

sequência de **manual de assassinato**
para boas garotas

BOA

GAROTA,

SEGREDO

MORTAL

HOLLY JACKSON

intrínseca



BOA
GAROTA,
SEGREDO
MORTAL

HOLLY JACKSON

Tradução de Karoline Melo



Copyright © 2020 by Holly Jackson
Imagem de capa © 2021 by Christine Blackburne
Ilustração da página 33 © Priscilla Coleman
Mapa das páginas 7 e 263 © 2020 by Mike Hall
Copyright da tradução © 2022 by Editora Intrínseca Ltda.
Traduzido mediante acordo com HarperCollins Publishers Ltd.
Publicado originalmente em inglês por Farshore, um selo de HarperCollins Publishers Ltd,
The News Building, 1 London Bridge St, Londres, SE1 9GF.
Os direitos morais da autora foram assegurados.

TÍTULO ORIGINAL
Good Girl, Bad Blood

PREPARAÇÃO
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Giu Alonso

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Casey Moses

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

ADAPTAÇÃO DOS MAPAS
Henrique Diniz

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J15b

Jackson, Holly, 1992-
Boa garota, segredo mortal / Holly Jackson ; tradução Karoline Melo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.
432 p. ; 21 cm. (Manual de assassinato para boas garotas ; 2)

Tradução de: Good girl, bad blood
ISBN 978-65-5560-378-1

1. Ficção inglesa. I. Melo, Karoline. II. Título. III. Série.

22-78903

CDD: 823
CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar
22451-041 - Gávea
Rio de Janeiro - RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Ben,
e para cada versão sua desses últimos dez anos.*

Little Kilton



Estrada Sxamore

Blackfield Lane

Estrada Old Farm

A413

High Street

1

Rio Killybourne

Estrada Wyvil

Bosque Lodge

Estrada Wyvil

Romer Close

Rua Tudor

West Way

Bearon Close

Martinsend Way

Acres End

High Street

Cedar Way

Hogg Hi

Bosque Barrows

Church Street

Bosque Ten

Grove Place

Estrada do Colegio Kilton

Gravelly Way

Estrada do Parque

Parque de Little Kilton

Highmoor

Cross Lane

Estrada Chalk

A413

1

DEPOIS E ANTES

Seria de se esperar que desse para reconhecer a fala de um assassino.

Que as mentiras tivessem uma textura diferente, alguma mudança perceptível. Que a voz embargasse, se tornasse aguda e instável à medida que a verdade desaparecesse sob suas margens irregulares. Seria de se esperar, não é? Todos acreditam que seriam capazes de reconhecer um assassino. Mas não foi o caso de Pip.

“O que aconteceu no final foi uma tragédia enorme.”

Sentada diante dele, encarando seus olhos gentis, o celular entre os dois gravando qualquer barulho, bufada e pigarro, ela tinha acreditado em cada palavra.

Pip passou os dedos pelo touchpad para voltar um pouco o áudio.

“O que aconteceu no final foi uma tragédia enorme.”

A voz de Elliot Ward soou nos alto-falantes mais uma vez, enchendo o quarto escuro e a cabeça de Pip.

Pausa. Clique. Outra vez.

“O que aconteceu no final foi uma tragédia enorme.”

Ela já devia ter ouvido aquilo uma centena de vezes. Talvez até mil. E não havia nada, nenhum indício ou mudança de quando aquele homem que ela havia considerado quase um pai enveredava por mentiras e meias verdades. Mas Pip também não tinha mentido? Por mais que ela repetisse para si mesma que só mentira para proteger as

peças que amava, aquela não fora exatamente a justificativa de Elliot? Pip ignorou a voz em sua mente. A maior parte da verdade havia sido revelada, e era a isso que ela se agarrava.

Continuou escutando até o outro trecho que lhe dava arrepios.

“E você acha que Sal matou Andie?”, perguntou a Pip do passado.

“... Era um garoto tão legal... Mas, considerando as provas, não sei como ele pode não ter matado. Então, por mais errado que isso pareça, acho que deve ter sido ele. Não há outra explicação.”

Alguém abriu a porta do quarto de maneira brusca.

— O que você está fazendo? — interrompeu uma voz do presente, a pergunta terminando com um sorriso, porque ele sabia muito bem o que Pip estava fazendo.

— Você me assustou, Ravi — reclamou a garota, apressando-se para pausar o áudio.

Ravi não merecia ouvir a voz de Elliot Ward nunca mais.

— Você está sentada no escuro ouvindo essa gravação e *eu* que sou assustador? — perguntou ele, acendendo a luz.

O brilho amarelo da lâmpada refletiu no cabelo escuro caído em sua testa. Ravi fez aquela cara que sempre mexia com Pip, e ela sorriu, porque era impossível se conter. Então arrastou a cadeira de rodinhas, afastando-se da mesa.

— E como foi que você entrou na minha casa?

— Seus pais e o Josh estavam de saída com uma torta de limão com uma aparência incrível.

— Ah, é — concordou ela. — Estão cumprindo seus deveres de bons vizinhos. Um jovem casal acabou de se mudar para a antiga casa dos Chen, descendo a rua. Minha mãe que fez a venda. Para os Green... ou os Brown, não lembro direito.

Era estranho pensar em outra família ali, vidas novas preenchendo os antigos espaços da residência. Desde que Pip se mudara para a vizinhança, aos cinco anos, seu amigo Zach Chen sempre havia morado

quatro casas depois da sua. Aquele não fora um adeus definitivo, ela ainda via Zach na escola todos os dias, mas os pais do amigo decidiram que a família não podia continuar em Little Kilton, não depois de *toda aquela confusão*. Pip tinha certeza de que eles a consideravam uma grande parte de *toda aquela confusão*.

— Aliás, o jantar é sete e meia — informou Ravi, sua voz se embo-lando de maneira desajeitada.

Pip o observou. Ele vestia sua melhor camisa, para dentro da calça na parte da frente, e... aqueles tênis eram novos? Sentiu o cheiro de loção pós-barba quando Ravi se aproximou, mas ele parou de repente, sem lhe dar um beijo na testa nem correr a mão pelo cabelo dela. Em vez disso, foi se sentar na cama, mexendo os dedos para se manter ocupado.

— Ou seja, você está duas horas adiantado — comentou Pip, sorrindo.

— É-é. — Ravi tossiu.

Por que ele estava agindo de maneira estranha? Era Dia dos Namorados, o primeiro desde que se conheceram, e Ravi havia reservado uma mesa no The Siren, um restaurante fora da cidade. Cara, a melhor amiga de Pip, estava tão convencida de que Ravi ia pedi-la em namoro naquela noite que disse que apostaria dinheiro. Pip sentiu algo se aquecer em seu peito com a possibilidade. Mas podia não ser nada daquilo: o Dia dos Namorados coincidia com o aniversário de Sal. O irmão mais velho de Ravi estaria fazendo vinte e quatro anos, se tivesse passado dos dezoito.

— Até que parte você chegou? — perguntou Ravi, indicando o notebook com a cabeça.

O software de edição de áudio preenchia a tela com linhas azuis pontiagudas. A história inteira estava contida naquelas linhas. Seu projeto, do começo ao fim. Cada mentira, cada segredo. Alguns até dela mesma.

— No fim — disse Pip, baixando o olhar para o novo microfone USB conectado ao computador. — Terminei. Seis episódios. Tive que usar um efeito de redução de ruído em algumas entrevistas por telefone para tentar melhorar a qualidade do áudio, mas está pronto.

Em uma pasta de plástico verde, ao lado do microfone, encontravam-se os formulários de autorização que ela enviara para todos. Os documentos já haviam sido assinados e devolvidos, garantindo permissão para Pip publicar as entrevistas em um podcast. Até Elliot Ward havia assinado um, de sua cela. Apenas duas pessoas se recusaram: Stanley Forbes, do jornal da cidade, e, é óbvio, Max Hastings. Mas Pip não precisava da voz deles para contar a história: havia preenchido as lacunas com as entradas de seu diário de produção, agora gravadas como monólogos.

— Você *já* terminou? — questionou Ravi, embora não pudesse estar surpreso de verdade. Ele conhecia Pip, talvez melhor do que ninguém.

Fazia apenas algumas semanas desde que ela havia subido ao palco do anfiteatro da escola e revelado para todo mundo o que de fato acontecera. Mas a mídia insistia em contar a história errado. Mesmo agora, os jornalistas continuavam agarrados às próprias versões porque eram mais simples. Na verdade, o caso de Andie Bell tinha sido tudo, menos simples.

— Se quer que algo seja bem-feito, precisa fazer você mesma — defendeu Pip, o olhar percorrendo as linhas pontiagudas dos áudios.

No momento, ela não conseguia decidir se aquilo parecia um começo ou um fim. Mas sabia que opção preferia.

— Então, qual é o próximo passo? — perguntou Ravi.

— Vou exportar os arquivos dos episódios, carregá-los no SoundCloud uma vez por semana, conforme a programação, e depois copiar o feed RSS para diretórios de podcast, tipo iTunes ou Stitcher. Mas eu ainda não terminei cem por cento. Tenho que gravar a introdução em cima da música-tema que achei no Audio Jungle. Mas, para isso, preciso de um título.

— Ah — fez Ravi, alongando-se para trás —, quer dizer que ainda estamos sem título, srta. Fitz-Amobi?

— Pois é. Reduzi a três opções.

— Diga.

— Não, você vai fazer algum comentário maldoso.

— Não vou, não — assegurou Ravi, com um sorrisinho discreto no rosto.

— Está bem. — Pip consultou suas anotações. — Opção A: *Análise de um erro judicial*. O qu...? Ravi, você está rindo.

— Foi só um bocejo, juro.

— Bem, você também não vai gostar da opção B, porque é *Estudo sobre um caso encerrado: Andie Bell...* Ravi, para!

— O qu...? Desculpa, não consigo me conter. — Ele riu até os olhos se encherem de lágrimas. — É só que... Dentre as suas muitas qualidades, Pip, uma que você não tem...

— Não tenho? — Ela girou na cadeira para encará-lo. — Eu *não tenho* uma qualidade?

— Aham — concordou Ravi, encarando a tentativa dela de um olhar implacável. — Extravagância. Você não tem um pingo de extravagância.

— Eu tenho, no mínimo, alguns pingos de extravagância.

— Você precisa atrair as pessoas, deixá-las intrigadas. Use uma palavra como “matar” ou “morte” no título.

— Mas isso é sensacionalismo.

— E é exatamente o que você quer, para que as pessoas escutem — argumentou Ravi.

— Mas todas as minhas opções são objetivas e...

— Entediantes?

Pip jogou um marca-texto amarelo nele.

— Você precisa de algo com rimas ou aliteração. Algo...

— Extravagante? — completou ela, imitando a voz de Ravi. — Pense você em um título, então.

— *Recorte de uma morte* — sugeriu ele. — Hum, não. Little Kilton... talvez *Little Kill Town: A pequena cidade da morte*.

— Eca, não — vetou Pip.

— Você tem razão. — Ravi se levantou e começou a andar de um lado para outro. — Na verdade, o seu diferencial é... você. Uma garota de dezessete anos que resolveu um caso que a polícia considerava encerrado há muito tempo. E o que você é?

Ravi a analisou, semicerrando os olhos.

— Alguém que não tem extravagância, é evidente — respondeu Pip, fingindo irritação.

— Uma estudante — comentou Ravi, pensando em voz alta. — Uma garota. Projeto. Ah, e se fosse *Projeto assassinato e eu*?

— Nem vem.

— Tudo bem.

Ele mordeu o lábio, e Pip sentiu a barriga se contrair.

— Então, algo com “assassinato”, “matar” ou “morte”. E você é Pip, uma estudante e uma garota que é boa em... Ah, caraca — soltou ele, de repente, arregalando os olhos. — Já sei o nome!

— Qual?

— Eu já sei, sério — disse ele, parecendo satisfeito demais consigo mesmo.

— Qual é?

— *Manual de assassinato para boas garotas*.

— Nãooooo. Esse título é muito ruim, está forçando a barra.

— Como assim? É perfeito.

— “Para boas garotas”? — questionou Pip, em dúvida. — Faço dezoito anos daqui a duas semanas. Não vou contribuir para minha própria infantilização.

— *Manual de assassinato para boas garotas* — repetiu Ravi em sua versão de uma voz grossa de narrador de trailer de filme, puxando Pip da cadeira e girando-a em sua direção.

— Não — insistiu ela.

— Sim — retrucou Ravi, levando uma das mãos à cintura de Pip, os dedos quentes dançando em sua pele.

— Não. De jeito nenhum.

Manual de assassinato para boas garotas:
**O final arrepiante do podcast de true crime
que é a sensação do momento**

BENJAMIN COLLIS | 28 DE MARÇO



Se você ainda não ouviu o sexto episódio de *Manual de Assassinato para boas garotas*, pare de ler agora. Sérios *spoilers* a seguir.

É claro que muitos de nós sabíamos como este mistério terminava desde que o caso explodiu nos noticiários em novembro do ano passado, mas havia mais a ser revelado do que apenas a identidade do assassino. A verdadeira história de *Manual de assassinato para boas garotas* é uma jornada, iniciada com a intuição de uma garota de dezessete anos agindo como detetive de um caso encerrado — o assassinato da adolescente Andie Bell, supostamente cometido por seu namorado, Sal Singh —, rumo a uma teia complexa de segredos macabros que ela descobre em sua pequena cidade: os diversos suspeitos, as mentiras e as reviravoltas.

E não faltam reviravoltas neste episódio final, que traz a verdade à tona, a começar pela revelação chocante de que Elliot Ward, o pai de sua melhor amiga, escreveu os bilhetes de ameaça que Pip recebeu durante a investigação. É prova irrefutável do envolvimento dele e um verdadeiro momento de “perda de

inocência” para Pip. Ela e Ravi Singh, o irmão mais novo de Sal e codetetive no caso, acreditavam que Andie Bell ainda pudesse estar viva e que talvez Elliot a tivesse mantido em cativeiro durante todo esse tempo. Pip confrontou Elliot Ward sozinha e, a partir do relato dele, a história toda é revelada. Um relacionamento proibido entre uma estudante e um professor, supostamente por iniciativa de Andie. “Se for verdade”, teoriza Pip, “acredito que Andie queria escapar de Little Kilton, em particular de seu pai, que, supostamente, segundo uma fonte, era controlador e emocionalmente abusivo. Talvez Andie achasse que o sr. Ward pudesse garantir uma vaga para ela em Oxford, como havia feito com Sal”.

Na noite do desaparecimento, Andie foi até a casa de Elliot Ward. Os dois discutiram. Andie tropeçou e bateu a cabeça na mesa dele. Mas, enquanto Ward corria para pegar o kit de primeiros socorros, a adolescente desapareceu noite afora. Nos dias seguintes, quando ela foi oficialmente declarada como desaparecida, Elliot Ward entrou em pânico por acreditar que Andie tinha morrido por conta do ferimento da cabeça e que, quando a polícia encontrasse o corpo, haveria provas que levariam até ele. Sua única opção era lhes entregar um suspeito mais convincente. “Ele chorou ao me contar como matou Sal Singh”, revela Pip. Ward fez com que a morte parecesse um suicídio e plantou evidências para a polícia achar que Sal assassinara a namorada.

Porém, meses depois, Ward se surpreendeu ao ver Andie, magra e desgrenhada, andando na beira de uma estrada. Ela não tinha morrido, afinal. Mas Ward não podia permitir que ela voltasse a Little Kilton, e foi assim que ele acabou a mantendo presa por cinco anos. Entretanto, em uma reviravolta mais bizarra que a

ficção, a garota no sótão de Ward não era Andie Bell. “Ela se parecia tanto com Andie”, afirma Pip, “até me disse que *era* a Andie”. Mas tratava-se, na verdade, de Isla Jordan, uma jovem vulnerável com uma deficiência intelectual. Durante todos esses anos, Elliot havia convencido a si mesmo — e a Isla — de que ela era Andie Bell.

Restava então a última pergunta: o que tinha acontecido com a *verdadeira* Andie Bell? Nossa jovem detetive também foi mais rápida que a polícia nessa descoberta. “Foi Becca Bell, a irmã mais nova da Andie.” Pip descobriu que Becca havia sido vítima de abuso sexual em uma das festas locais, chamadas de “festas do apocalipse”, nas quais Andie vendia drogas, incluindo flunitrazepam, substância com que Becca suspeitava ter sido dopada na ocasião. Enquanto Andie estava com Ward na noite fatídica, Becca supostamente encontrou provas no quarto da irmã de que Max Hastings havia comprado flunitrazepam, e era provável que ele fosse o agressor de Becca (em breve, Max será julgado por várias acusações de estupro e importunação sexual). Mas, ao voltar para casa, Andie não reagiu à notícia da forma que Becca esperava e proibiu a irmã mais nova de ir à polícia, porque isso lhe traria problemas. As duas começaram a discutir e trocar empurrões, até que Andie acabou no chão, inconsciente e vomitando. A autópsia de Andie — concluída no último mês de novembro, quando seu corpo foi enfim recuperado — mostrou que “o inchaço cerebral devido ao traumatismo craniano não foi fatal. Provocou, sem dúvida, a perda de consciência e a êmese, porém Andie Bell morreu por asfixia, engasgada com o próprio vômito”. Becca ficou paralisada enquanto supostamente observava a irmã morrer, em choque e furiosa demais com Andie para salvar sua

vida. Depois, teria escondido o corpo por temer que ninguém acreditasse que a morte havia sido um acidente.

Eis aí o nosso final. “Sem distorções nem filtros, apenas a triste verdade sobre como Andie Bell morreu, Sal foi assassinado e incriminado e todos acreditaram.” Em sua conclusão mordaz, Pip cita todos os que ela acredita serem responsáveis pelas mortes dos dois adolescentes, nomeando e atribuindo culpa a: Elliot Ward, Max Hastings, Jason Bell (o pai de Andie), Becca Bell, Howard Bowers (o traficante de Andie) e a própria Andie.

O primeiro episódio de *Manual de assassinato para boas garotas* chegou ao topo da lista de mais ouvidos do iTunes seis semanas atrás, e parece que o podcast ali permanecerá por algum tempo. Após o episódio final ser lançado ontem à noite, os fãs já estão implorando por uma segunda temporada do programa do momento. Contudo, em uma declaração postada em seu site, Pip disse: “Lamento informar, mas meus dias de detetive acabaram, e não haverá uma segunda temporada de *MABG*. Esse caso quase me destruiu, e só percebi quando tudo foi resolvido. Ele havia se tornado uma obsessão doentia, e colocou a mim e aqueles ao meu redor em perigo. Mas vou terminar *esta* história, com atualizações a respeito dos julgamentos e vereditos de todos os envolvidos. Prometo que estarei aqui até a última palavra.”

UM MÊS DEPOIS...
QUINTA-FEIRA

UM

Continuava ali, toda vez que ela abria a porta de casa. Pip sabia que não era real, apenas sua mente reagindo à ausência, preenchendo a lacuna. Ela ouviu as patas de cachorro deslizando pelo piso, correndo para recebê-la em casa. Mas não era verdade, não podia ser. Não passava de uma lembrança, o fantasma de um som que sempre estivera ali.

— Pip, é você? — chamou a mãe da cozinha.

— Oi — respondeu a garota, largando a mochila cor de cobre no corredor, os livros escolares colidindo lá dentro.

Josh estava sentado no chão da sala de estar, a meio metro de distância da TV, avançando os comerciais do Disney Channel.

— Seus olhos vão ficar vermelhos — observou Pip ao passar por ele.

— Sua bunda vai ficar vermelha — retrucou Josh.

A resposta em si era terrível, mas ela tinha que admitir que ele era rápido para um garoto de dez anos.

— Oi, querida, como foi a escola? — perguntou a mãe, bebendo de uma caneca florida, quando Pip entrou na cozinha e se acomodou em uma das banquetas altas.

— Normal. Foi tudo normal.

Era sempre normal na escola. Nem bom nem ruim. Apenas normal. Pip tirou os sapatos e os deixou cair no piso de azulejos.

— Credo — reclamou a mãe. — Você sempre tem que deixar os sapatos na cozinha?

— Você sempre tem que me flagrar fazendo isso?

— Claro, eu sou sua mãe — respondeu ela, batendo de leve com seu novo livro de receitas no braço de Pip. — Ah, e Pippa, preciso falar uma coisinha com você.

O nome inteiro. Havia tanto peso naquela sílaba extra.

— Eu estou ferrada?

A mãe não respondeu de imediato.

— A Flora Green me ligou hoje. Você sabia que ela é a nova professora assistente da escola do Josh?

— Sabia... — Pip assentiu, esperando que a mãe continuasse.

— O Joshua se meteu em problemas e foi mandado para a diretoria. — A mãe franziu a testa. — Pelo visto, o apontador da Camilla Brown sumiu, e ele decidiu interrogar os colegas, encontrar provas e montar uma *lista de suspeitos*. Ele fez quatro crianças chorarem.

— Ah — disse Pip, sentindo aquele buraco se abrir na barriga outra vez. Sim, ela estava ferrada. — Entendi. Será que devo conversar com ele sobre isso?

— Acho que deve, sim. Agora mesmo — anunciou a mãe, levando a caneca à boca e tomando um gole barulhento.

Pip desceu da banqueta com um sorriso forçado e voltou para a sala de estar.

— Oi, Josh — começou, sentando-se no chão ao lado dele e colocando a televisão no mudo.

— Ei! — reclamou o irmão.

Pip o ignorou.

— Então, fiquei sabendo do que aconteceu na escola hoje.

— Ah, é. Tenho dois suspeitos principais. — Josh se virou para ela, os olhos castanhos se iluminando. — Talvez você possa me ajudar a...

— Josh, preste atenção — interrompeu Pip, colocando o cabelo escuro para trás das orelhas. — Ser um detetive não é tão legal quanto parece. Na verdade... é bem ruim.

— Mas eu...

— Só me escute, está bem? Ser um detetive deixa as pessoas ao seu redor tristes. Deixa *você mesmo* triste... — explicou, a voz diminuindo até Pip pigarrear para trazê-la de volta. — Lembra quando o papai contou o que aconteceu com o Barney, por que ele se machucou?

Josh fez que sim com a cabeça, os olhos arregalados e tristes.

— É isso o que acontece quando se é detetive. As pessoas ao seu redor se machucam. E você machuca os outros sem querer. Precisa guardar segredos que não sabe se deveria mesmo guardar. É por isso que não sou mais detetive nem você deveria ser. — As palavras caíram direto no abismo que Pip sentia na barriga, na escuridão a que pertenciam. — Você entende?

— Ahaaam... — O irmão concordou com um aceno de cabeça, pronunciando o “a” de maneira demorada, até formar a palavra seguinte: — Desculpa.

— Deixa de bobeira. — Pip sorriu, envolvendo-o num abraço rápido. — Você não tem por que se desculpar. Agora, chega de brincar de detetive?

— Chega, eu prometo.

Nossa, aquilo foi fácil.

— Pronto — anunciou Pip ao voltar à cozinha. — Acho que o apon-tador desaparecido vai permanecer um mistério para sempre.

— Ah, talvez não — comentou a mãe com um sorriso mal disfarçado. — Aposto que foi o Alex Davis, aquele pestinha.

Pip soltou um riso pelo nariz.

A mãe chutou os sapatos de Pip para fora do caminho.

— Então, tem notícias do Ravi?

— Sim. — Pip pegou o celular. — Ele disse que acabou há uns quinze minutos. Daqui a pouco ele está aqui para a gente gravar.

— Tudo bem. Como foi hoje?

— Ele disse que foi puxado. Eu queria estar lá — comentou Pip, pousando o cotovelo na bancada e apoiando o queixo na mão.

— Você sabe que não pode faltar aula — argumentou a mãe, deixando claro que aquela não era uma discussão que estava disposta a ter outra vez. — E você não viu o bastante na terça? Para mim, foi mais do que suficiente.

Terça-feira havia sido o primeiro dia do julgamento no Tribunal da Coroa de Aylesbury, e Pip fora chamada como testemunha de acusação. Usando um terno novo e uma camisa branca, ela tentara conter seus dedos impacientes para que o júri não reparasse. O suor escorrera por suas costas. E, a cada segundo, ela sentira o olhar dele, vindo da mesa do réu, algo físico rastejando por sua pele exposta. Max Hastings.

Na única vez em que o encarou, Pip viu o sorriso que ninguém mais perceberia por trás de seus olhos. Não com aqueles óculos falsos, com lentes sem grau. Como ele se atrevia? Como ele se atrevia a ficar de pé e se declarar inocente quando os dois sabiam a verdade? Ela tinha uma gravação da conversa por telefone na qual Max admitira ter drogado e estuprado Becca Bell. Estava tudo ali. Max confessara quando Pip ameaçou contar o segredo dele para todo mundo: o atropelamento e o alibi de Sal. Mas aquilo não importava. A gravação privada era inadmissível no tribunal. A promotoria teria que se contentar com o relato da conversa fornecido por Pip. E ela o fornecera, palavra por palavra... Bem, tirando o começo, é claro, e aquele mesmo segredo que Pip tinha que guardar para proteger Naomi Ward.

— É, foi horrível — admitiu Pip para a mãe —, mas eu ainda deveria estar no julgamento.

Ela deveria mesmo: prometera acompanhar a história até o fim. Mas, em seu lugar, Ravi estaria lá todos os dias, fazendo anotações

para ela. Porque *ir para a aula não era opcional*, como disseram sua mãe e a nova diretora.

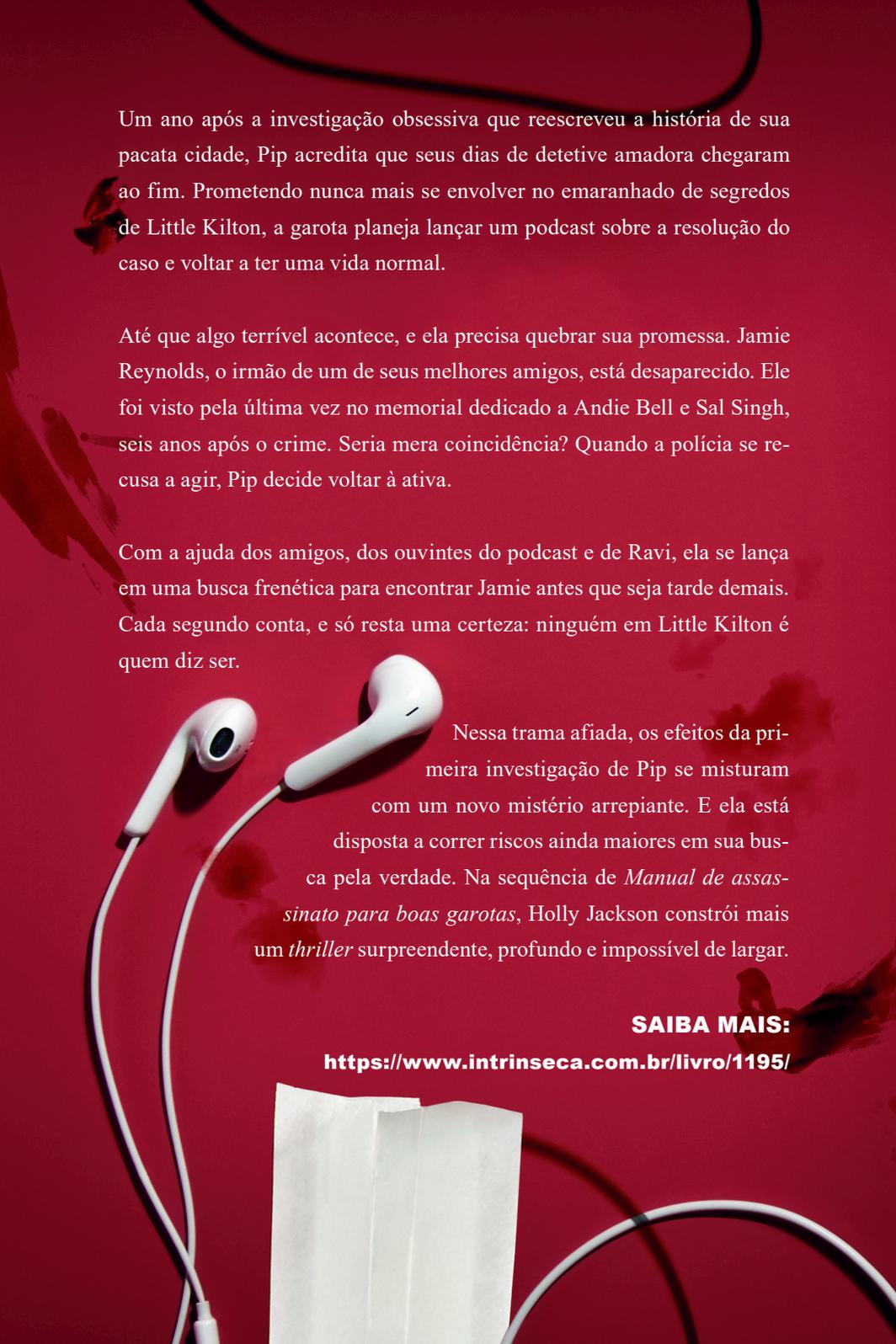
— Pip, por favor — começou a mãe em seu tom de advertência. — Essa semana já está sendo difícil. E ainda por cima tem o memorial amanhã. Que semana.

— É — concordou a garota, com um suspiro.

— Você está bem? — A mãe pousou uma das mãos no ombro de Pip.

— Claro. Estou sempre bem.

Dava para ver que a mãe não acreditava muito nela. Mas não fez diferença, porque no momento seguinte escutaram as batidas típicas de Ravi na porta da frente. *Forte-fraca-forte*. E, como sempre, o coração de Pip acompanhou o ritmo.



Um ano após a investigação obsessiva que reescreveu a história de sua pacata cidade, Pip acredita que seus dias de detetive amadora chegaram ao fim. Prometendo nunca mais se envolver no emaranhado de segredos de Little Kilton, a garota planeja lançar um podcast sobre a resolução do caso e voltar a ter uma vida normal.

Até que algo terrível acontece, e ela precisa quebrar sua promessa. Jamie Reynolds, o irmão de um de seus melhores amigos, está desaparecido. Ele foi visto pela última vez no memorial dedicado a Andie Bell e Sal Singh, seis anos após o crime. Seria mera coincidência? Quando a polícia se recusa a agir, Pip decide voltar à ativa.

Com a ajuda dos amigos, dos ouvintes do podcast e de Ravi, ela se lança em uma busca frenética para encontrar Jamie antes que seja tarde demais. Cada segundo conta, e só resta uma certeza: ninguém em Little Kilton é quem diz ser.

Nessa trama afiada, os efeitos da primeira investigação de Pip se misturam com um novo mistério arrepiante. E ela está disposta a correr riscos ainda maiores em sua busca pela verdade. Na sequência de *Manual de assassinato para boas garotas*, Holly Jackson constrói mais um *thriller* surpreendente, profundo e impossível de largar.

SAIBA MAIS:

<https://www.intrinseca.com.br/livro/1195/>